

Os embaixadores do reggae fusion

Banda jamaicana Third World se apresenta nesta sexta no Circo Voador com seu repertório clássico

Tem reggae clássico nesta sexta-feira (4) no Circo Voador. A jamaicana Third World se apresenta pela primeira vez no Brasil desde a morte de Stephen Cat Coore, em janeiro. Guitarrista, violoncelista e fundador do grupo, Coore foi a peça central de uma sonoridade que levou o reggae jamaicano a dialogar com soul, funk, jazz, rock e música erudita. Aos 53 anos de estrada, a Third World chega à Lapa para abrir o Festival Clássicos do Reggae, que em breve trará o Groundation.

O núcleo da banda que está



Third World chega aos 53 anos de estrada fundindo o reggae a outras sonoridades da black music

em atividade tem Richard Daley, baixista ligado à banda desde a fundação, em 1973; Tony Rupton Williams, na bateria e no djembe; os tecladistas e vocalistas Norris Noriega Webb e Maurice Gregory; AJ Brown, nos vocais principais; Richie Barr, no baixo; e Richard Wiggz Walters, na gui-

tarra. É Walters quem assume, no palco, a tarefa mais simbólica do conjunto: honrar a marca instrumental deixada por Cat Coore, cujo violoncelo e guitarra foram decisivos para que a Third World jamais soasse como uma banda de reggae convencional.

A história começa em Kingston,

quando Coore e o tecladista Michael Ibo Cooper criaram o grupo ao lado de Richard Daley. A formação se completou, em sua primeira fase, com Milton Prilly Hamilton nos vocais, Carl Barovier na bateria e Irvin Carrot Jarrett na percussão. A entrada posterior de Bunny Rugs como voz principal ajudou a conso-

lidar a identidade da banda, mas a ideia original já estava ali: fazer música jamaicana sem se fechar em uma só linguagem.

O repertório explica por que a Third World se tornou uma das principais pontes entre o reggae roots e o mercado internacional. “Now That We’ve Found Love”, releitura de canção dos O’Jays, virou seu maior êxito pop e levou a banda às paradas britânicas e americanas. “1865”, conhecida também como “96° in the Shade”, é um de seus hinos mais densos, com a memória da escravidão jamaicana atravessando o balanço do reggae. “Try Jah Love”, escrita e produzida por Stevie Wonder, dá outra medida da projeção conquistada pelo grupo no fim dos anos 1970.

A lista de canções fundamentais ainda inclui “Reggae Ambassador”, “Sense of Purpose”, “Forbidden Love”, “Jah Glory”, “Irie Ites” e “Cool Meditation” - um repertório que explica como a Third World trabalhou refrões pop, linhas de baixo dançantes, harmonias vocais e arranjos complexos sem abandonar a pulsação jamaicana. Foram mais de 20 álbuns de estúdio e nove indicações ao Grammy em uma trajetória que fez da banda uma referência de reggae fusion.

SERVIÇO

THIRD WORLD

Circo Voador (Rua dos Arcos, s/nº, Lapa)
4/9, às 22h
Ingressos: R\$ 240 e R\$ 120 (meia)



O Samba de Caboclo evoca as raízes mais profundas da ancestralidade



Samba da Volta celebra a tradição das rodas de partido alto

As rodas se encontram na Lapa

O Circo Voador recebe neste sábado (5) duas maneiras de manter o samba em movimento. De um lado, o Samba da Volta, roda criada nas ruas cariocas em 2021 e hoje reconhecida por uma relação direta entre músicos e público. De outro, o Samba de Caboclo, mani-

festação que une samba de raiz e cantos de terreiro, com a ancestralidade afro-brasileira atravessando percussão, canto e dança. Entre as apresentações, o DJ Léo Black conduz a pista com seleção de música preta.

O encontro importa porque

Samba da Volta e Samba de Caboclo se apresentam neste sábado no Circo Voador

aproxima repertórios e experiências que não se confundem. O Samba da Volta nasceu de reuniões entre amigos e cresceu sem abandonar a lógica da roda: proximidade, improviso, convivência e circulação de repertório. Ao longo de cinco anos, o projeto passou a

ocupar diferentes espaços da cidade e formou um público fiel.

A referência do grupo está em formações como o Fundo de Quintal, mas o projeto não se reduz ao tributo. O repertório combina canções conhecidas, composições autorais e obras de autores menos presentes no circuito comercial. A escolha dá à roda um caráter de celebração e descoberta: há memória do samba brasileiro, mas há também o desejo de manter a conversa com o presente.

Já o Samba de Caboclo chega com uma dimensão própria. A proposta parte do diálogo entre o samba de raiz e os cantos de terreiro para celebrar os cabo-

clos e a herança afro-brasileira. É outro campo de referências, no qual música, corpo, espiritualidade e tradição se encontram. A percussão, o canto e a dança funcionam como linguagem coletiva e aproximam o palco de práticas culturais que se constroem na comunidade e na transmissão entre gerações. (A; N.)

SERVIÇO

SAMBA DA VOLTA + SAMBA DE CABOCLO

Circo Voador (Rua dos Arcos, s/nº - Lapa)
5/9, a partir das 20h (abertura dos portões)
Ingressos: R\$ 120 e R\$ 60 (meia)